

Imaginando o aprendizado: depoimento de uma educadora e contadora de histórias

Por Vanessa Valente e Marcel de Oliveira

Em minhas andanças pelas livrarias de São Paulo (um dos meus passatempos preferidos) descobri pousado sobre um balcão em meio a outros lançamentos literários, um dicionário de capa clara com um mapa em marca d'água por detrás do título.

O detalhe que me faz contar agora essa minha descoberta é que aquele dicionário não trazia verbetes sobre sinônimos, significados de palavras nem explicações sobre assuntos científicos; era um *Dicionário de Lugares Imaginários* (MANGUEL; GUADALUPI, 2003). Mesmo ainda sem o ler, segurei-o em minhas mãos como um pequeno tesouro, passei a folheá-lo e, a cada página, mais absorta na leitura e alheia à movimentação da livraria fiquei.

Senti a necessidade imperiosa que os ávidos por livros, verdadeiros fetiches nas mãos de contadores de histórias sentem

quando encontram uma preciosidade e tive que levá-lo para casa; só então pude olhar para ele e pensar: enfim sós! Já na introdução, os autores explicam que o dicionário funciona como um guia para turistas que pretendem fazer uma viagem aos lugares imaginários da literatura mundial; os verbetes são repletos de mapas com instruções de como se chegar ao lugar indicado e tem, pasmem, dicas de alimentação e cuidados que se deve ter na chegada a certos lugares como, por exemplo, o *Reino da Sabedoria*. Enfim, puro deleite! Os autores da última edição (houve uma reestruturação em relação às outras) atestam que o universo imaginário do homem é tão vasto que ficaria impossível reunir todos os lugares imaginados em apenas um livro, sendo que a seleção dos lugares que mereciam estar registrados no pitoresco compêndio tinha sido uma tarefa complicada. A imaginação é mesmo um lugar de muitos “ondes”!

Reino da sabedoria ¹

O acesso a ele se faz por um posto de pedágio. Os viajantes que desejam visitá-lo ganham um kit como mapas, moedas e um livro de regras; os resultados não são garantidos, mas a perda de tempo será reembolsada.

Outrora, o Reino da Sabedoria era conhecido como Terra da Nulidade, é uma região árida e assustadora, habitada pelos demônios da escuridão.

Conta-nos a história que um jovem príncipe cruzou o mar do conhecimento em busca do futuro e reivindicou Nulidade em nome da bondade e da verdade. A velha cidade da Sabedoria, constantemente assediada por demônios, monstros e gigantes, tornou-se, sob seu governo, um reino próspero. Os dois filhos do príncipe partiram para fundar duas novas cidades: Dicionópolis, no Sul, e Digitópolis, no Norte, no sopé das Montanhas da Ignorância. As novas cidades tornaram-se rivais após uma discussão sobre se palavras ou números eram mais importantes do que a sabedoria; A constante disputa levou o Reino da Sabedoria à ruína. Contudo, as duas filhas adotivas do rei, Rima e Razão, à frente dos exércitos reunidos de Sabedoria, Venceram a Batalha final e restabeleceram a paz.

¹MANGUEL, Alberto; GUADALUPI, Gianni. Dicionário de lugares imaginários. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

Assim como os gramáticos usam seus dicionários em seus estudos, consulto o *Dicionário de Lugares Imaginários* para várias atividades em minhas aulas e narrações de histórias.

Aliás, em se tratando de aguçar os sentidos em suas sutilezas, o objeto-livro é uma fonte de sensações. Na verdade, o prazer da leitura começa no ritual de se entrar em uma livraria, quando é possível sentir-se uma espécie de frenesi com a visão de todas aquelas prateleiras separadas por assuntos. Pode-se passar horas a fio em busca de títulos ainda não descobertos e, quanta emoção ao se encontrar aquele que deixamos de comprar a dez anos por qualquer motivo do qual nem nos lembrávamos mais! De qualquer maneira, algumas horas em uma boa livraria é garantia de sempre sairmos sabendo um pouco mais sobre alguma coisa.

Adquirido o livro, ao primeiro contato ele já ganha estatuto de objeto, de objeto-livro! Nossa relação com ele passa a ser sinestésica: nós o seguramos e sentimos seu peso e tamanho, depois passamos os dedos pela capa sentindo sua textura (algumas edições têm relevos convidativos), depois vem a apreciação dos detalhes da edição: cores, tipo de letras, gravuras, formatação, tipo de papel, etc. E a relação com o objeto livro passa a ser também estética. Por fim, o cheiro. Cheiro de livro novo é cheiro de pão fresquinho, saído do forno. Mas há também o cheiro dos livros de sebos, que tem o cheiro do armário da casa de nossa avó, como bem classifica um amigo meu. Acho a analogia olfativa perfeita.

O ritual de uma visita a sebos é diferente: geralmente estamos em busca de publicações antigas, que já conhecemos ou vamos dispostos a um verdadeiro garimpo, de onde voltamos com as mãos grossas de pó, mas felizes de, mesmo após alguns espirros, finalmente ter encontrado algo.

Quanto ao sabor do objeto-livro, fica reservado às horas de degustação das suas linhas, salpicadas de palavras, como biscoitos finos a serem apreciados com um bom vinho, o vinho da imaginação.

Ainda sobre o estímulo aos sentidos que é um bom livro, lembro-me que certa vez fui contratada para contar histórias em uma escola de uma cidade do interior de São Paulo. A coordenadora do Fundamental I, seguindo os preceitos escolares de que toda atividade deve ter uma função pedagógica, pediu-me que contasse alguma história que incentivasse o gosto pela leitura nas crianças, pois minha atividade fazia parte da *Semana da Leitura* organizada pela escola. Fui então à procura do que me fora encomendado: não tinha ideia de como satisfazer a coordenação em sua expectativa tão didática. Para mim era claro que qualquer boa história bem contada já seria um incentivo à leitura e certamente as crianças compartilhariam desse meu ponto de vista.



Depois de várias opções por mim descartadas, lembrei-me dos tão festejados livros de Monteiro Lobato e de sua mais famosa personagem, Emília. Quando criança havia lido, entre outros de Lobato, *A reforma da natureza*, e lembrei-me de um capítulo chamado *O livro comestível*. Pensando na proposta da escola, que era a de estimular o gosto pela leitura, não tive dúvidas quanto à escolha, mesmo porque, independentemente de qualquer intuito pedagógico, Monteiro Lobato é sempre um prato cheio para qualquer contador. Vale a pena o registro do trecho do capítulo citado:

O livro comestível²

A maior parte das ideias da Rã eram desse tipo. Pareciam brincadeiras e isso irritava Emília, que estava levando muito a sério o seu projeto de reforma do mundo. Emília sempre foi uma criaturinha muito séria e convencida. Não fazia nada de brincadeira.

- Parece incrível, Rã! - disse ela. - Chamei você para me ajudar com a ideia da reforma, mas até agora não saiu dessa cabecinha uma só coisa aproveitável - só "desmoralizações..."

- Isso não! A ideia das tetas com torneiras na vaca Mocha foi minha e você gostou muito. A da pulga também.

- Só essas. Todas as outras eu tive que jogar no lixo. Vamos ver mais uma coisa. Que acha que devemos fazer para a reforma dos livros?

A Rãzinha pensou, pensou e não se lembrou de nada:

- Não sei! Parecem-me bem como estão.

- Pois eu tenho uma ideia muito boa - disse Emília. - Fazer um livro comestível.

- Que história é essa?

- Muito simples. Em vez de impressos em papel de madeira, que só é comestível para o caruncho, eu farei os livros impressos em um papel fabricado de trigo e muito bem temperado. A tinta será estudada pelos químicos - uma tinta que não faça mal para o estômago. O leitor vai lendo o livro e comendo as folhas; lê uma, rasga-a e come. Quando chega ao fim da leitura está almoçado ou jantado. Que tal?

A Rãzinha gostou tanto da ideia que até lambeu os beiços.

- Ótimo, Emília! Isto é mais que uma ideia-mãe. E cada capítulo do livro será feito com papel de um certo gosto. As primeiras páginas terão gosto de sopa; as seguintes terão gosto de salada, de assado, de arroz, de tutu de feijão com torresmos. As últimas serão as da sobremesa - gosto de manjar branco, de pudim de laranja, de doce de batata.

- E as folhas do índice - disse Emília - terão gosto de café - serão o cafezinho final do leitor. Dizem que o livro é o pão do espírito. Por que não ser também pão do corpo? As vantagens seriam imensas. Poderiam ser vendidos nas padarias e confeitarias, ou entregues de manhã pelas carrocinhas, juntamente com o pão e o leite.

- Nem precisaria mais pão, Emília! O velho pão viraria livro. O Livro-pão, o Pão-livro. Quem souber ler, lê o livro e depois o come: quem não souber ler come-o só, sem ler. Desse modo o livro pode ter entrada em todas as casas, seja dos sábios, seja dos analfabetos. Otimíssima ideia, Emília!

- Sim - disse esta muito satisfeita com o entusiasmo da Rã. - Porque, afinal de contas, isso de fazer os livros só comíveis para o caruncho é bobagem, podemos fazê-los comíveis para nós também.

- E quem deu a você essa ideia, Emília?

- Foi o raciocínio. O livro existe para ser lido, não é? Mas depois que o lemos e ficamos com toda a história na cabeça, o livro se torna uma inutilidade na casa. Ora, tornando-se comestível, diminuimos uma inutilidade.

- E quando a gente quiser reler um livro?

- Compra outro, do mesmo modo que compramos outro pão todos os dias.

A ideia, depois de discutida em todos os seus aspectos, foi aprovada e Emília reformou toda a biblioteca de Dona Benta. Fez um papel gostosíssimo e de muito fácil digestão, com sabor e cheiro bastante variados, de modo que todos os paladares se satisfizessem. Só que não reformou os dicionários e outros livros de consulta. Emília pensava em tudo.

²LOBATO, Monteiro. A reforma da natureza. Rio de Janeiro: Biblioteca Azul, 2018.



A escolha foi acertada e saciou tanto as crianças quanto as professoras. Como procuro sempre desenvolver a narrativa das histórias com a participação das crianças ao descrever os sabores das páginas, pedi sugestões de outros novos; entre vários, eis alguns vindos de crianças de uma geração já um pouco distante da época de Emília: sabores de chiclete, de *strogonoff*, de chocolate, de *Big-Mac*, de batata frita, de pizza, de *Coca-Cola*, etc. Terminei a história, que foi contada na biblioteca da escola, com a proposta de uma brincadeira: durante a semana, as crianças, em uma visita à biblioteca e com ajuda da professora e da bibliotecária, criariam um cardápio de leitura, com café da manhã, almoço e jantar e cada livro teria um sabor de acordo com a refeição de que fizesse parte: leite, café, feijão, manteiga, etc. Na verdade, devo confessar que a proposta surgiu em minha cabeça durante a atividade, quando vi todas aquelas estantes repletas de livros. Arrisquei a sugestão e o fato é que gostaram bastante da ideia. Algum tempo depois, voltei a essa escola e fiquei sabendo que o cardápio tinha sido adotado como sugestão mensal, montado pelas crianças e pregado no mural da biblioteca. É claro que fiquei muito feliz, pois era mais uma mostra de como a arte de contar histórias, como exercício de imaginação, pode provocar o entusiasmo pelo conhecimento.

Como contadora de histórias, tenho trabalhado nestes últimos cinco anos em várias escolas das redes particular e pública do Estado de São Paulo, além de livrarias e eventos culturais. O trabalho de narração de histórias propicia-me um contato direto com várias instâncias da vida escolar, desde a direção e a coordenação até o ambiente de sala de aula com as professoras e as crianças e também os pais.

Em várias ocasiões ações sou abordada por professoras interessadas em aprender a contar histórias e manipular objetos cênicos como bonecos, lenços e pequenos adereços. Em algumas escolas, muitas vezes sou convidada a conhecer suas salas de aula e seus projetos envolvendo temas artísticos. Certa vez, em Campinas (SP), recebi o convite entusiasmado de uma bibliotecária para conhecer a reforma que havia feito na biblioteca da escola. De fato, era o único lugar de toda a escola, feia e malcuidada, que tinha cores nas paredes e um ambiente acolhedor, com almofadas e armários baixos para as crianças manipularem os livros.

Iniciativas como essa, vinda de espíritos inovadores e criativos, mostram-se necessárias e originais; isoladas, porém, do ambiente escolar de que fazem parte, perdem força num contexto que não valoriza os aspectos artístico, lúdico e imaginativo do conhecimento.

Esses educadores sentem um verdadeiro entusiasmo quando sabem da presença de artistas na escola e querem compartilhar suas ideias com eles. A imagem que me vem é a de náufragos numa ilha deserta chamando com sinais de fumaça por um resgate que os tire do isolamento.

Comecei então a direcionar meu trabalho também para o público adulto e passei a trabalhar, um pouco receosa e ainda tímida, com grupos de professores em dinâmicas e cursos de capacitação nas próprias escolas. O retorno tem sido bastante positivo; geralmente os educadores gostam de ouvir histórias e de participar de atividades que envolvam o imaginário, que agucem a fantasia e que os façam “sentir”, palavra que ouço constantemente em meu trabalho.

A escola é parte importante da rede social e não pode compactuar com a minimização da essência humana para atender apenas a interesses de um mercado de trabalho competitivo e injusto.

Jacqueline Held afirma que a leitura do real passa pelo imaginário. Sempre me identifiquei com a palavra imaginário; vejo-a associada aos contos fantásticos, às brincadeiras infantis, à ficção científica, enfim a coisas misteriosas, interessantes e gostosas de se conhecer. Imaginar é uma das coisas que mais gosto de fazer. Quando criança imaginava como eu seria quando eu crescesse ou como havia sido o mundo há três mil anos. E agora, já adulta, continuo a imaginar: imagino cenas, imagino histórias e mundos diferentes, imagino como será a casa que comprarei um dia, como serei bem velhinha...

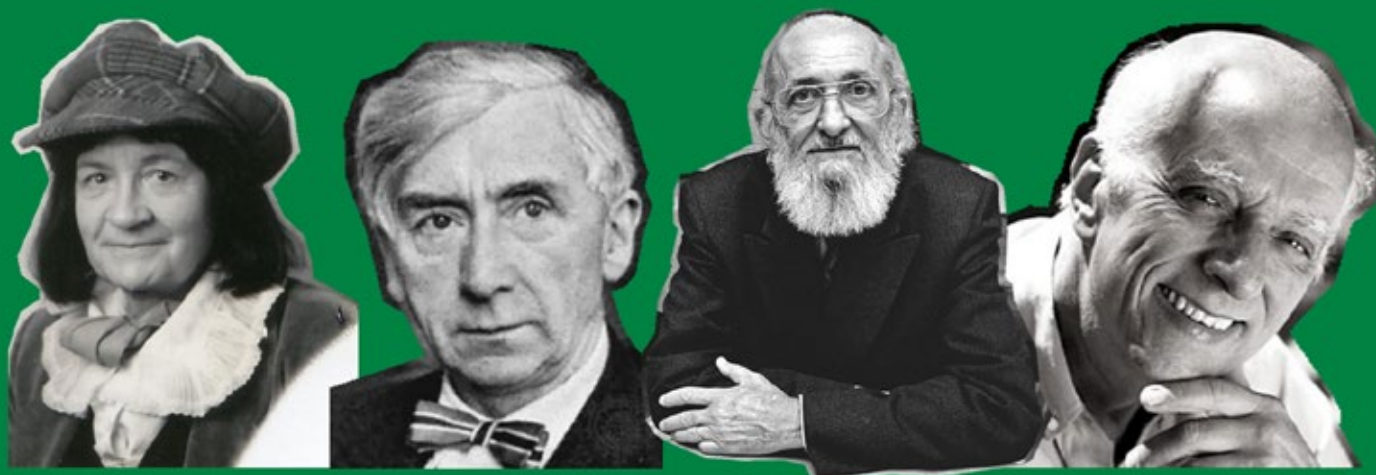
Parece que imaginar ajuda a razão a concretizar objetivos, numa transposição de imagens que escapam ao tempo cronológico, criando universos paralelos que preenchem nossas ideias de pensamentos projetantes. A imaginação nos revela o real, ultrapassando-o e criando possibilidades do invisível no visível. Tendo o imaginário um potencial criador tão grande e sendo inerente à natureza humana, desde a mais tenra idade, como ignorá-lo, rejeitando-o e negando sua importância? Diz Gaston Bachelard o que “a imaginação tenta um futuro. [...] Existe um futurismo em todo universo sonhado”.

Fui constatando ao longo destes anos que a concepção de educação está, cada vez mais, repleta de urgências funcionais que mascaram as necessidades do imaginário e muitas vezes descartam as linguagens artísticas como forma de entendimento e interpretação do mundo, não oferecendo oportunidades para a realização de experiências que possam ampliar a competência simbólica do aluno. A arte, com seu potencial provocador da fantasia e da imaginação, muitas vezes é deixada de fora da sala de aula, surgindo apenas nas aulas específicas de alguma linguagem artística ou em eventos organizados pela escola, quando o artista é requisitado para realizar apresentações e oficinas. Como se a emoção e o estímulo dos diferentes sentidos, através da criação e da fruição estética não fossem parte importante do processo de aprendizado.



Tenho visto na prática que as atividades artístico-imaginativas podem contribuir para quebrar o caráter meramente informativo da situação em sala de aula, valorizando o convívio coletivo, ao mesmo tempo que possibilitam a autodescoberta, a liberdade de sentir e experimentar diferentes sensações e emoções muito particulares do imaginário de cada um. Em minhas reflexões como educadora, tenho apostado em todas as práticas que permitem desbloquear e estruturar o imaginário, como contar histórias.

Compartilho da opinião de alguns autores como Herbert Read, Jacqueline Held, Rubem Alves e Paulo Freire, de que a função do educador é de despertar o prazer de conhecer, compreender, refletir e aprender, de proporcionar um meio rico e estimulante, instigando a criação, a percepção e o contato com a arte, aguçando a curiosidade de querer conhecer o mundo e as coisas, ampliando as possibilidades cognitivas, afetivas, sociais, sensíveis e criadoras. Vejo o educador como quem inova, ousa e inventa possibilidades para os materiais existentes, fornecendo subsídios para manter os alunos receptivos e sensíveis, para que busquem novas perspectivas, novos modos de ver, ouvir e agir, trabalhando com a capacidade de pensar e de ter ideias originais acerca do mundo.



Da esquerda para a direita: Jacqueline Held, Herbert Read, Paulo Freire e Rubem Alves

Enfim, caberia ao educador formar cidadãos autênticos e criativos, em um processo dinâmico e em constante transformação, possibilitando uma identidade histórica, criando condições para que se desenvolva uma atitude de reflexão crítica e praticando uma educação problematizadora, que não fuja à responsabilidade sociocultural. Não é pouca a responsabilidade que temos, nós educadores!

Poetizar o aprendizado e redimensionar a prática educativa representa a aventura de uma perpétua busca. Aprender não significa ir enchendo nossa mala de conhecimentos até ela ficar tão pesada que já não podemos carregá-la; aprendizado é crescimento e evolução e pressupõe deixarmos pelo caminho aquilo que já não nos serve mais, para assim darmos espaço a novas experiências. Na mala, apenas o necessário para que possamos levantar voos durante nossa trajetória. A sabedoria requer leveza: leveza para ensinar, para ouvir, para aprender, para entender o outro, para ser compreendido.

Chamaria a isso de *Pedagogia Caleidoscópica*: ao se olhar por um pequeno espaço o que, em princípio, já pressupõe uma diretividade, descobrimos que podemos transformar o que vemos sendo preciso apenas, de nossa parte, um movimento constante para que surjam contra a luz infinitas combinações de cores e formas, sempre novas, sempre inusitadas, nunca exatamente iguais, porém das mesmas contas de vidro refletidas nos pedaços de espelho. A imaginação, mesmo tendo substrato arquetípico, é dinâmica e dotada de uma energia projetante e, assim como a racionalidade, é aspecto inerente à construção do conhecimento.

Acredito que o educador tem em suas mãos uma oportunidade preciosa de intervenção da realidade e sua ação sensível e consciente pode contribuir para a melhoria do destino humano.

Defendo aqui a tese de uma nova concepção de professor-aprendiz que se descubra num constante processo de crescimento, dando formas às suas ações, permeadas de uma intencionalidade construída em íntima relação com seu objeto de estudo e buscando um eixo próprio de formação. Um professor que exerça constantemente seus recursos internos e que perceba como é possível “sentir-se no outro”, por reflexão e conscientização das singularidades de cada um e daquilo que todos têm em comum e não por uma rasa empatia, como pretendem os meios de comunicação de massa e seus estereótipos sociais.

Por isso, acredito no caminho da educação como o único que leva à existência plena do homem, em seu desenvolvimento como indivíduo e como membro de uma comunidade. E quando falo de educação, falo de uma educação libertadora, que aposte na criatividade e na imaginação como molas propulsoras para a construção de um mundo melhor.

Nos dias de hoje falta-nos espaço para sentir, sonhar e imaginar mundos possíveis, em busca de uma existência mais plena. Contar histórias, usando livros, objetos, música ou apenas a voz transforma o conhecer em algo mágico e gostoso.

Uma história, ao ser contada, suscita mil outras histórias. Ao mergulharmos na narrativa de uma história, podemos ouvir a descrição de uma cidade com muitos detalhes, mas certamente dessa descrição surgirão muitas outras cidades desenhadas pela imaginação de cada ouvinte e todas passarão a ter existência no universo imaginário. A imaginação é um lugar de muitos “ondes”!

Ouvir ou ler uma boa história é também um exercício da inteligência, passando pela afetividade, sendo os sentimentos e as emoções também cognitivos, assim como outras formas de percepção. E é justamente nesse ponto que entra em cena o fazer artístico como expressão criativa e imaginativa do ser humano.

Imaginação e realidade estão vinculadas por um enlace emocional, existindo, portanto, uma dimensão afetiva na atividade criadora. A capacidade criadora transforma a realidade e projeta o futuro, pois todo o mundo da cultura é produto da imaginação e da criação humanas. Quanto mais rica a experiência humana, maior a capacidade imaginativa.

O contato direto entre seres humanos parece tornar-se cada vez mais necessário, em contraponto a uma sociedade tecnicista, que isola o indivíduo diante da tela da televisão, do computador, da *internet*, facultando assim o convívio social. E a escola tem papel determinante na ação de resgate da convivência social, em prol da emoção, do afeto, do imaginário e da perpetuação de nossa rica bagagem cultural.





Atividades artístico-imaginativas - cantar músicas, ler poesia, montar uma peça de teatro, criar e contar histórias - desenvolvidas num contexto pedagógico, facilitam a aquisição de competências narrativas, culturais, linguísticas, perceptivas, cognitivas, estéticas, reflexivas, fazem com que o aluno armazene conhecimentos por vias indiretas, além de se perceber como ser social, capaz de criar e de se relacionar com outros. Desbloquear o imaginário e recriar a fascinação é preparar para a vida criativa, é permitir que a criança desabroche em sua potencialidade, tendo dentro de si harmonia, energia, alegria e sensibilidade.

Numa prática educativa transformadora, cabe ao educador criar um meio rico e estimulante,

instigando a criação e a percepção, aguçando a curiosidade de querer conhecer o mundo e as coisas; ampliando as possibilidades afetivas, sociais, sensíveis e criadoras, eixos temáticos ligados à formação da cidadania. Cabe a ele oferecer ricas oportunidades de aprendizagem, inventar possibilidades para os materiais existentes e fornecer subsídios para manter os alunos abertos e sensíveis, com ideias germinadoras, para que busquem novas perspectivas, novos modos de ver, ouvir e agir, de conhecer outras épocas e culturas. Cabe ao educador criar condições favoráveis à ativação do imaginário, desbloqueando-o, permitindo que ele se expresse, trabalhando-o a partir de uma situação de impulso, aproveitada ou provocada, para suscitar emoções e gerar imagens, colocando em efervescência o imaginário individual e coletivo, trabalhando com a capacidade de pensar e de ter ideias originais acerca do mundo. E por tudo isso, é importante que o educador tenha a prática e a reflexão no campo do imaginário, e que essa atitude se estenda em suas escolhas pedagógicas, na sua experimentação de campo, programando atividades mais adequadas às necessidades de aprendizagem das crianças.

Portanto, valorizar a capacidade crítica e o potencial criador do aluno, em qualquer área do conhecimento, por meio de atividades artístico-imaginativas, como contar histórias, não se constitui um método, mas uma atitude pedagógica.

É de extrema importância, portanto, uma pedagogia da imaginação, em que se busca a formação de indivíduos autênticos e criativos, como um processo dinâmico e em constante transformação, possibilitando uma identidade histórica e criando condições para que se desenvolva uma atitude de reflexão crítica e, por fim, praticando uma educação problematizadora, que não foge à responsabilidade sociocultural.

A criança está inicialmente disponível e aberta a todas as possibilidades e é muito importante que se desenvolva essa disponibilidade original, essa atitude de liberdade criadora, para formar um cidadão livre, capaz de iniciativas, de invenção, de escolha pessoal, de resistência aos condicionamentos ambientes. A reflexão e a crítica passam pelo imaginário, mas é pouco reconhecido seu valor eminentemente formador. A criança deve poder crescer num meio rico em estímulos e impulsos.

Podemos vislumbrar toda a importância de um reconhecimento do imaginário na criança, de sua tomada em consideração e do uso pedagógico e criativo que se possa fazer dele.

Existe uma pedagogia do imaginário: é preciso desenvolvê-la. A imaginação, como a inteligência e a sensibilidade, precisa ser cultivada.

As atividades artístico-imaginativas, aplicadas em qualquer área do conhecimento, possibilitam uma aprendizagem significativa, permitem o experimentar a autodescoberta, a reflexão crítica a partir de uma unidade pensamento-ação; abre caminhos para a criatividade, propõem o diálogo e a solução em comum dos problemas e, principalmente, provocam uma ação cultural de amplo caráter, não restrita apenas à escola.

Portanto é fundamental que os educadores recebam, durante sua formação profissional, orientações e ferramentas necessárias para que desenvolvam projetos que contemplem o exercício do imaginário como meio eficaz de aprendizagem.

Paulo Freire, em seu discurso amoroso pela educação, ressalta que uma prática educativa vivida com afetividade não se opõe a uma formação técnica e metodológica séria, pois alegria e sensibilidade não são inimigas do rigor científico. Freire fala de uma “abertura ao querer bem”, estendida a todos os âmbitos da educação: alunos, equipes de trabalho, práticas e reivindicações políticas, e afirma que é preciso descartar como falsa a separação radical entre seriedade docente e afetividade.

A prática educativa é compartilhada na convivência amorosa de todos os envolvidos que, imbuídos de uma postura aberta e curiosa, “crescem” juntos.



